

(Transcrição)

Rocca di Papa, 23 de novembro de 1973

A mãe: Maria, a Desolada

[...]

Vou recordar e comentar agora o simples episódio da desolação de Maria narrado no Evangelho.

Quando Jesus, indicando João, lhe diz: "Mulher, eis o teu filho" (Jo 19, 26), essas palavras soam em Maria como uma substituição. Maria sofre a provação de já não ser a mãe de Jesus. É o momento no qual Maria restitui a Deus a maternidade divina que Deus lhe tinha confiado.

É um "sim" diferente do primeiro. Com o primeiro, na anunciação, Maria, consagrada virgem a Deus para toda a vida, parece ter que mudar os seus planos. E será mãe, embora permanecendo virgem.

Com o segundo "sim", aos pés do Calvário, renuncia à maternidade de Jesus e somente assim é mãe de todos. Recebe a maternidade divina de inúmeros homens renunciando à maternidade divina do primogênito.

Pio XII confirma esta nossa visão de Maria: "Ela esteve estreitamente unida ao seu filho, ofereceu-o ao Pai no Gólgota, fazendo holocausto de todo o direito materno e do seu amor materno... Aquela que, quanto ao corpo, era a mãe daquele que é a nossa Cabeça, pôde tornar-se, quanto ao espírito, Mãe de todos os seus membros..."¹.

E como Maria sofreu quando Jesus gritou: "Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?", não se pode imaginar, porque nesse momento a sua vontade era de estar mais perto dele, mas já tinha renunciado a qualquer privilégio materno. Ela não teve direito algum de ter sido sua mãe. E, quando Jesus lhe indicou outra maternidade, ela não pôde nem lamentar-se nem alterar-se. Jesus, portanto, naquele momento não tinha nem mãe, nem Pai. Era o nada nascido do nada.

E Maria também estava suspensa no nada. A sua grandeza tinha sido a maternidade divina e agora parecia que lhe fora retirada. Por isso a Desolada naquele instante - por vontade de Deus - parece não participar das dores do filho, da Obra da redenção. Parece separada do Filho que, sozinho, se oferece por todos, inclusive por ela. Ao mesmo tempo, porém, participa de tudo com uma intensidade inimaginável, diríamos, infinita. É precisamente naquele momento que se torna nossa mãe.

[...]

"Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, lançado na terra não morrer, permanecerá só... mas se morrer, produzirá muito fruto" (Jo 12, 24), disse Jesus falando de si, antes da paixão. Se um Filho de Deus morria, era para dar a vida a muitos filhos de Deus, ainda que o sejam de maneira diferente.

Também Maria nos pagou. E em troca do Jesus, que doou, não pode receber muitos Jesus pela metade, mas outros Jesus autênticos com a sua luz e com o seu amor, iguais a Ele: "ama-os como amaste a mim" (Jo 17, 23).

Orígenes, que foi o primeiro que deu a Maria o título de Mãe dos homens além de Mãe de Jesus, diz: "Maria não teve outro filho senão Jesus, e Jesus disse à mãe: 'Eis o teu filho'. Ele não disse: 'eis, este homem é o teu filho'; mas: 'este é Jesus que tu geraste'. De fato, quem é perfeito já não vive para si mesmo, mas nele vive Cristo; e visto que Cristo vive nele, dele se diz a Maria: 'Este é o teu filho, Cristo'"².

Na desolação Maria, por ter perdido espiritualmente a maternidade divina, torna-se de certo modo, ou melhor, vive a provação de ser uma simples mulher como as outras e não mais a criatura honrada pelo

¹ Pio XII, Encíclica *Mystici Corporis* - 29.06.43.

² Orígenes, *Comm. in Joan 1, 6*; p. 14, 32.

título, que é a sua realidade, de "mãe de Deus". Ali ela é somente mulher, por assim dizer, assim como Jesus parece no abandono ser simplesmente homem e não Deus.

[...]

Existe, porém, uma diferença entre os dois abandonos paralelos da paixão de Jesus e da paixão de Maria. Jesus, no abandono, está só, Maria está com um filho. Não só, mas pelo modo como Jesus diz as palavras: "Mulher, eis o teu filho" (Jo 19, 26) e ao discípulo: "eis a tua mãe" (Jo 19, 27), compreende-se imediatamente que não se trata somente de um amor filial de Jesus para com a mãe, ou protetor para com João. Não; estas palavras têm um timbre particular como aquelas, por exemplo, com as quais Jesus funda a sua Igreja. Elas são constitutivas de uma realidade.

Naquele momento é confiada a Maria, na pessoa de João, a Igreja como sua filha; e a Igreja, em João, recebe Maria como mãe.

João XXIII afirma que "justamente no Gólgota o Redentor decretou, como testamento supremo, que a sua Mãe teria sido também a Mãe de todos os redimidos³: ecce Mater tua"⁴.

Se lermos a continuação desta frase do Evangelho: "e a partir daquele momento o discípulo recebeu-a em casa" (Jo 19, 27), veremos qual é a função da Igreja e de todo o cristão: levar Maria para casa, viver com Maria, ir a Cristo com Maria, através de Maria, porque Maria é Mãe espiritual, isto é, é Mãe que alimenta os cristãos, fazendo-os crescer como filhos de Deus.

Jesus na cruz podia muito bem dizer a João: "João, com a minha paixão eu te resgato, eu te redimo". Pelo contrário, Jesus, no momento em que nos redimia, entregou-nos a Maria. Tendo-nos entregue a Maria, não existe nenhum outro caminho para usufruir da redenção a não ser fazendo a vontade de Jesus: levar conosco Maria e, através de Maria, chegar a Jesus: "e João recebeu-a em casa".

Esta ideia revoluciona, creio, a nossa vida de cristãos. Amamos Maria, a invocamos, usamos as suas imagens para decorar a nossa casa. Em sua honra são elevadas igrejas e monumentos. Enfim, Maria está presente na Igreja católica, em outras Igrejas e no coração dos fiéis. Mas quem é que pensa no dever de "recebê-la em sua própria casa", como fez João e de habitar com ela para que o nosso cristianismo desnutrido seja alimentado por uma mãe tão grande, seja iluminado pelos seus conselhos, seja acompanhado por aquela que é a perfeição suprema da vocação de uma mãe que muitos, mesmo idosos, na hora da morte invocam?

Devemos, portanto, fazer uma revolução: a nossa casa não deve ser mais a nossa casa, mas sim a casa de Maria. E devemos viver com ela, para saber como Jesus quer que sejamos.

³ Chiara diz crentes, mas queria dizer redimidos.

⁴ João XXIII, Audiência geral, 9.09.61.